

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 2, Jul.-Dez., 2018

O REGIONAL, O UNIVERSAL E A UTILIZAÇÃO DE ARQUÉTIPOS NA CONSTRUÇÃO DE ANA TERRA E DO CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ



THE REGIONAL, THE UNIVERSAL AND THE USE OF ARCHETYPES IN THE CONSTRUCTION OF ANA TERRA AND CAPTAIN RODRIGO CAMBARÁ

LARISSA FERREIRA RACHEL ORTIGOZA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO
SUL, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 09/10/2018 • APROVADO EM 13/03/2019

Abstract

Ana Terra and Um certo capitão Rodrigo are novels that are contained in the work O continente, which is part of the saga O tempo e o vento written by Érico Veríssimo. It is a fictional, historical and regionalist work, written between 1949 and 1974, during the phase of the second modernist generation, in which the regionalist question was under discussion for addressing cultural attributes of different Brazilian remote regions among themselves. Such

novel instigates studies on account of its literary importance, which intrinsically involves political, social, and historical issues from the eighteenth to the twentieth centuries. Taking into account the historical moment in which the work was written, we aim to investigate how the creator of *O tempo e o vento* appropriated Regionalism in the face of Universalism for the construction of Ana Terra and captain Rodrigo Cambará. For this purpose, Zilberman (1985, 1997) and Marobin are used to understand the regionalist and universalist question. It is known that Regionalism in Brazil began with the program of national Romanticism and has undergone modifications in the course of literature until the moment when Modernism is established as a literary program. In view of this, it is perceived that Regionalism serves as an important tool for national literature, even with the passing of literary schools. The corpus of this article is centered in the study on Regionalism and Universalism and as these two questions suggest the use of archetypes, based on the theory of Jung (1978, 2000), in the construction of the characters Ana Terra and captain Rodrigo Cambará, characters whose names are the same of the novels studied here: *Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo*. It is considered that the archetypes of Jung's theory suggest the Great Mother to build Ana Terra and the Hero, based on Mark and Person's studies (2003), for the construction of captain Rodrigo Cambará.

Resumo

Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo são romances que estão contidos na obra *O continente*, que por sua vez faz parte da saga *O tempo e o vento* escrito por Érico Veríssimo. Trata-se uma obra ficcional, histórica e regionalista, escrita entre 1949 e 1974, durante a fase da segunda geração modernista, em que a questão regionalista estava em discussão por abordar atributos culturais de diferentes regiões brasileiras e remotas entre si. Tal obra instiga estudos por conta de sua importância literária que envolve intrinsecamente questões políticas, sociais e históricas do século XVIII ao século XX. Levando em consideração o momento histórico em que a obra foi escrita, objetivamos investigar como o criador de *O tempo e o vento* apropriou-se do Regionalismo em face do Universalismo para a construção de Ana Terra e do capitão Rodrigo Cambará. Para tanto recorre-se a Zilberman (1992) e Marobin (1985, 1997) para a compreensão da questão regionalista e universalista. É sabido que o Regionalismo, no Brasil, iniciou com o programa do Romantismo nacional e que sofreu modificações no decorrer da literatura até o momento em que o Modernismo se institui como programa literário. Diante disso, percebe-se que o Regionalismo serve como elemento importante para a literatura nacional, mesmo com o passar das escolas literárias. O corpus desse artigo está centrado no estudo sobre Regionalismo e Universalismo e como essas duas questões sugerem a utilização de arquétipos, pautados na teoria de Jung (1978, 2000), na construção dos personagens Ana Terra e capitão Rodrigo Cambará, personagens esses que intitam as duas obras em estudo: *Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo*. Considera-se que os Arquétipos da teoria de Jung sugerem a Grande Mãe para construção de Ana Terra e o Herói, pautado nos estudos de Mark e Person (2003), para a construção do capitão Rodrigo Cambará.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Archetype; Regionalism; Universalism; Érico Veríssimo; Brazilian literature.

PALAVRAS CHAVE: Arquétipo. Regionalismo. Universalismo. Érico Veríssimo. Literatura Brasileira .

Texto integral

INTRODUÇÃO

A obra *O tempo e o vento* é uma trilogia composta pelos livros *O continente*, *O arquipélago* e *O retrato*. Segundo Sergius Gonzaga (2002), a saga foi publicada em 1949 com *O continente* e só foi concluída em 1974 com *O arquipélago*. Toda a obra percorre cerca de 200 anos de história, pois se inicia em 1745, com a colonização do Rio Grande do Sul e termina em 1945, no governo de Getúlio Vargas.

Érico Veríssimo faz parte do segundo momento Modernista, período que ficou conhecido como geração de 30. A prosa, gênero eleito por Érico, tem como ponto forte retratar criticamente acerca das questões sociais presentes neste momento do referido movimento.

De acordo com o ponto de vista de Gonzaga (2002), as obras de Érico Veríssimo estão divididas em duas fases, em termos didáticos: na primeira fase há um domínio do espaço urbano sendo tal produção denominada de romances urbanos, ou seja, localizam-se num espaço determinado, em especial Porto Alegre. Já na segunda fase, os romances são circulares, ou seja, há uma sucessão de geração entre duas famílias, além de haver uma presença maior de historicidade e regionalidade, isto é, os romances apresentam fortes traços da cultura gaúcha.

O escritor gaúcho, usando dados históricos do sul-rio-grandense, explorou na obra *O tempo e o vento* a formação gaúcha desde o período Colonial no final do século XVI, que inclui a Revolução Federalista, Farroupilha e outras, até a Ditadura militar do século XX, por meio da ficção. Em algumas ocasiões da trama, há um entrelaçamento entre a realidade e a ficção, uma vez que o autor se utiliza de lugares e alguns personagens reais, que fazem parte da história brasileira para compor a história de seus livros.

Com o objetivo de conhecer a fundo o interior do Brasil, durante a fase Regionalista, autores expressam vivência de povos, nos lugares mais distantes e periféricos do país. Neste sentido, a descrição crítico-social de Érico, junto com outros expoentes, encaminhava-se para uma nova literatura, que abordava novos modos de retratar a realidade brasileira. Sobre esse aspecto, Leite (1972) afirma que a temática regionalista levou o autor a desbravar as transformações históricas e sociais que seu estado sofreu e suas características peculiares, porém sem deixar de lado o todo, ou seja, a literatura e história brasileira. A partir deste

pressuposto, surge um regionalismo crítico que vai muito além de situações folclóricas locais. Trata-se de uma literatura que faz pensar em problemas sociais e que quer contribuir na busca de soluções.

Nesse artigo, num primeiro momento, será abordada a problemática do Regionalismo, o qual teve origem no Romantismo, com o intuito de que as obras tivessem uma abordagem e identidade nacional que não fosse pautada pela influência artística europeia. Há também breves apontamentos a respeito da forma como o Regionalismo se deu no programa modernista, já que as obras *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, que fazem parte do primeiro volume de *O tempo e o vento*, isto é, *O continente*, foram criadas nesse período. Busca-se, também, colocar em pauta a questão do regionalismo versus universalismo nas obras supracitadas.

Discute-se também sobre o Regionalismo no Rio Grande do Sul, tendo como perspectiva dois segmentos que alimentam as obras sul-rio-grandenses: o fazendeiro e o peão, debatendo ideais comuns como a luta de classes enquanto pano de fundo, além da paisagem, pampas e coxilhas, que serve como cenário típico da região Sul, especialmente, do estado gaúcho.

Outra questão a ser mencionada é o Universalismo que gira em torno da construção da obra no que tange aos personagens em questão: *Ana terra* e *capitão Rodrigo Cambará*, já que os problemas que enfrentam podem ser percebidos, muitas vezes, como universais.

Por último, serão analisados os possíveis arquétipos relacionados a construção dos personagens mencionados e como essa construção se mistura com os aspectos regionais e universais das obras apontadas.

1. Regionalismo brasileiro

A ideia sobre Regionalismo, no Brasil, iniciou com o programa do Romantismo nacional. O intuito principal no plano artístico era encontrar a real identidade nacional relacionada às temáticas próprias do Brasil sem que houvesse influências de culturas ou artes oriundas de outros países, isto é, a ideia era se desprender das amarras artísticas do exterior, sobretudo, da influência europeia.

Dois dos principais concretizadores desse programa com ideal nacional foram Gonçalves Dias, com a obra *I Juca Pirama*, e José de Alencar, com a obra *Iracema*. Para tanto, os dois autores concentraram-se em utilizar em suas obras o índio. Assim, de certa forma, puderam efetivar o ideal nacional por meio de uma figura nativa e que ainda não havia sido explorada como personagem fulcral. Porém, a temática indianista idealizada findou-se rapidamente e, logo após, deu espaço, de fato, ao Regionalismo, como afirma Zilberman (1992, p. 44):

O indianismo esgotou-se rapidamente, decretando sua substituição pelo Regionalismo [...]. Cabe lembrar, todavia, que a inclinação ao regional desde então alimenta a literatura brasileira, de modo que [diferente do] indianismo, de vida breve, o Regionalismo permaneceu influente na ficção nacional.

Depois de algumas escolas literárias, já na era do Modernismo, mais precisamente na segunda geração, há uma renovação na busca por temas regionalistas e da narrativa de ficção, no qual mostra-se a realidade e a historicidade do interior do país.

Sob a ótica de Marobin (1985), sobre o regionalismo pode-se levantar duas questões pertinentes: a primeira é a de que não existe regionalismo que não possa ser pensado como algo universal servindo, quem sabe, como cenário para as obras literárias; segunda, que o regionalismo é, de fato, necessário para que o típico possa ser enaltecido como característica única, individual de cada região, sobretudo, num país como o Brasil em que as diferentes regiões têm cada um a sua singularidade, como é o caso do Rio Grande do Sul, recriado poeticamente pelo escritor Érico Veríssimo.

1.1 Regionalismo No Rio Grande Do Sul

Um dos romances que afloram no Modernismo brasileiro é O tempo e o vento escrito por Érico Verissimo. Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo – romances que são objetos desse artigo – são obras que integram O continente, que por sua vez faz parte da obra cíclica O tempo e o vento. Esta saga conta a história da família Terra Cambará, que se entrelaça de maneira fictícia com a formação sulista, sobretudo, rio-grandense, do século XVIII ao século XX. Até a contemporaneidade, o Regionalismo se faz presente na literatura como uma das temáticas predominantes.

A construção da literatura no Rio Grande do Sul é marcada pelo Regionalismo, no qual são explícitas as tensões políticas e choques culturais, por ser esse estado, palco de inúmeras batalhas e guerras na disputa por territórios e pelo poder. Essas particularidades podem ser notadas na prosa de ficção ou em qualquer outra forma literária como, por exemplo, o cancionero popular – músicas que contam sobre a tradição popular local – que são consideradas como uma das primeiras manifestações regionalistas no Sul.

Um dos pontos a serem destacados no Regionalismo no Rio Grande do Sul e que chama a atenção é o homem do campo integrado a uma lógica natural, que vive, por coerência, no espaço rural: estâncias, pampas e coxilhas. Este homem enfrenta os problemas de sua época, sobretudo as guerras, sendo uma das mais famosas a Revolução Farroupilha. Em

meio a isso vê-se uma narrativa, em variadas obras, que revela a relação de classe entre patrão e peão, como explicita Zilberman (1992, p. 51): “A narrativa regionalista associa-se aos propósitos e motivações da classe proprietária; por outro lado, o protagonista da história, o peão, ocupa posição inferior na escala social.”

Contudo, entre esse dois segmentos, fazendeiro e peão, tem-se uma relação individual e não social. Talvez, por isso, não haja tantos conflitos entre eles, o que resulta numa relação um pouco mais equilibrada por incorporarem as mesmas ideologias: lutam pelo que acreditam até a morte. Por exemplo: no primeiro livro da trilogia, *O continente*, tem-se a guerra Federalista, na qual há fazendeiros e peões que lutam pelo ideal Federalista e há fazendeiros e peões que lutam pelo ideal Republicano.

Essas constatações podem ser corroboradas por Zilberman (1992, p. 50), quando afirma que “no texto regionalista há a divisão social, não, porém desigualdade ou conflito. Estanceiro e vaqueiro, pretos e brancos, estão juntos nas lides campestres e na guerra; e a atividade comum justifica o mito da ‘democracia rural’.” De acordo com a autora, isso não quer dizer que o peão e o fazendeiro ocupam o mesmo lugar na tomada de decisões. O que acontece é que o peão segue as modificações que ocorrem ao seu redor, dando apenas assistência necessária para que essas mudanças aconteçam.

Além da exploração de personagens típicos, o que se observa nas obras são os espaços bem delimitados, coxilhas e pampas que dão a ideia de liberdade, e o fato de enfatizarem o linguajar e os costumes dos gaúchos. As obras de Érico Veríssimo exploram todas essas temáticas, especialmente em *O tempo e o vento*.

Até o vento, elemento que intitula a obra de Érico, é bastante famoso no extremo sul e característico da região, ganhou espaço não só no título da obra como em toda ela, como elemento típico da região, quase como um personagem presente nos momentos conflituosos da obra, como na frase dita por Ana Terra: “Sempre que me acontece alguma coisa importante está ventando” (VERÍSSIMO, 2004, p. 102). Intensifica-se assim o valor do evento meteorológico, que desvela momentos de tensão e de desequilíbrio nas ações vivenciadas pelos personagens.

Embora Veríssimo tenha escrito várias obras, sem dúvida *O tempo e o vento* destaca-se dentro das suas produções ficcionais. A esse respeito, vale salientar que

O próprio Erico Verissimo alimentou durante muito tempo a ideia de uma grande obra cíclica, onde seriam retratados o gaúcho, suas tradições e costumes. A saga regionalista de *O tempo e o vento* insere-se, assim, no contexto nacional e rio-grandense, e ocupa o lugar que merece. (MAROBIN, 1985, p. 230).

Sob essa ótica, percebe-se que a região gaúcha ganha suas próprias características na obra e é explorada, mas ainda deixa um espaço à problemática do universal, principalmente no que tange à construção dos personagens e enfrentamento de seus problemas, uma vez que o escritor gaúcho cria personagens que podem ser interpretados como imagens arquetípicas, conforme se discutirá nos próximos tópicos.

1.2 Universalismo

Na obra *O tempo e o vento*, vê-se uma tendência do particular em direção ao todo universal. Os personagens em tensão com suas lutas, individuais ou não, transformam-se em tipos universais em convergência com artifícios e características regionais.

De acordo com Marobin (1985), um dos motivos para que *O tempo e o vento* ganhasse a dimensão estética universal deve-se ao fato de a história ganhar uma proporção tão grande que essas tensões já não configuram um problema individual, da região sulista ou mesmo do país, ou seja, acabam representando um problema de proporção continental. Porém, vale ressaltar que mesmo quando individual, essas tensões ainda têm um alcance universal, possibilitando que o regional atinja o universal no tratamento relativo ao ser humano:

Érico Veríssimo é regional, quando, com suas descrições traz o primeiro plano o gaúcho nas coxilhas, nos pampas, na estância, com seus costumes, atitudes de altaneira e linguajar típico da região. É universal quando enfoca o homem na sua origem, dignidade e dimensão social e moral. MAROBIN, 1985, p. 284).

Neste sentido, é possível apontar aspectos universais das obras *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo* por meio dos dilemas e desafios enfrentados pelos personagens *Ana Terra* e *Rodrigo Cambará*, desafios esses que acabam atingindo o universal em convergência com aspectos regionais impostos pelo texto.

Os problemas enfrentados pelas lutas de classe, por exemplo, são uma problemática Universalista. O domínio do senhorio (fazendeiro) e a servidão a ele (peão, escravo) também é um dado da problemática universal. Desse modo, a narrativa não fica restrita a ser somente um panorama histórico da formação do Rio Grande do Sul, mas abarca outras peculiaridades, que acabam confirmando o seu valor e a sua qualidade estética.

Rodrigo Cambará é um personagem que também enfrenta seus dilemas de âmbito universal. O primeiro deles é ser um revolucionário – farroupilha – que luta por aquilo que acredita e por isso vive a maior parte da vida em batalhas e revoluções pelo Continente até encontrar Bibiana, por quem se apaixona e decide levar uma vida mais pacata. O segundo dilema é sentir a falta da liberdade que tinha antes de ser casado:

Deitou-se debaixo da pequena cascata e ficou recebendo a água fria no peito, nas coxas e nas pernas e sentindo contra as costas e as nádegas a dureza das lajes. Agora se sentia melhor. Tinha fugido da prisão. E ali sozinho e nu debaixo da cascatinha já não podia acreditar que era chefe de família, que tinha mulher e dois filhos – sim! – e um negócio... Que fosse tudo pro diabo! (VERÍSSIMO, 2004, p. 325).

Nota-se que o personagem anseia pela liberdade, não se adapta ao mundo limitado e à vida medíocre a que o matrimônio o confinara. O seu instinto aventureiro aflora e ele sente necessidade de continuar nas batalhas, deslocando-se por outros espaços. Ele não consegue ficar-se, criar raízes, nem pelos laços do casamento e nem pela paternidade.

Nas narrativas de Veríssimo, a feminina assume grande importância, pois enfrenta inúmeros problemas de gênero como Ana Terra, por exemplo, que encarna a condição histórico-social: é mulher e tem pouco poder aquisitivo para valer-se. É uma moça jovem e bonita que, contra sua vontade, havia mudado com sua família para a província de São Pedro. Morava numa estância passando desconforto e medo, mas apesar das dificuldades sofridas, desde sua juventude, torna-se uma mulher admirável em Santa Fé, conhecida por sua coragem e perseverança. Nesse sentido ela é um personagem com características típicas regionais, mas que também se direciona para um personagem com motivações universais.

No trecho transcrito abaixo, observam-se os questionamentos próprios da realidade feminina e o sentimento materno surge como um contraponto em relação à figura paterna, pois ela não cogita em abandonar o filho, apesar de estar descontente com o casamento e com a vida errante do marido:

Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que por piores que fossem as coisas que estavam por vim não podiam ser tão horríveis como a que já tinha sofrido. Esse pensamento dava-lhe uma grande coragem. E ali deitada no chão a olhar para as estrelas, ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase a ser indiferença. Tinha dentro de si um vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar. Queria viver isso queria e em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal de contas não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo. Mas queria viver também de raiva, de birra. A sorte andava sempre virada contra ela. (VERÍSSIMO, 1957, p. 123).

Ana encarna o modelo feminino da mulher que sofre, mas é capaz de enfrentar as adversidades, lutar e manter a união familiar. É um personagem que sai do particular para atingir o universal, simbolizando o destino das mulheres de uma época marcada por guerras, atos de coragem e covardia, dores, sofrimentos e a capacidade de superar obstáculos.

Sob essa perspectiva, as discussões sobre regionalismo e universalismo chegam quase a ser questões filosóficas, pois se pode enfatizar que um dos elementos que mais apareceram como artifício universal serão os problemas enfrentados pelos personagens. Problemas esses que podem ocorrer na esfera individual/interiorizada ou mesmo na luta com o mundo exterior e revelar-se como uma problemática que não é de um único indivíduo, mas diz respeito à humanidade como um todo, como é o caso das mulheres durante o período de entre guerras ou de catástrofes, que exigem delas força e persistência para superar as atribuições e contratempos.

2. Arquétipos e o inconsciente coletivo

Para compreender a construção das personagens – Ana Terra e Rodrigo Cambará – utilizando-se de aspectos regionais e universais, é necessário também perceber os possíveis arquétipos envolvidos, que vivem intrinsecamente no inconsciente coletivo – herança psicológica de antepassados. É relevante utilizar alguns arquétipos apontados por alguns estudiosos para entender os modelos que se sobressaem nos personagens supracitados.

De acordo com Jung (2000, p. 53), “o conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”. Os arquétipos, na Grécia e Roma antiga, conforme assinalam Mark e Pearson (2003), eram a base dos mitos, geralmente mostrados como deuses ou monstros. Além disso, de acordo com Jung (1978, p. 55):

[...] arquétipos, designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente. Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta última hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade de tradição direta.

Pode-se dizer que arquétipo é uma projeção de determinadas formas que estão presentes na mente, passadas de geração para geração, ou seja, são forças existentes no inconsciente coletivo. Essas formas têm configuração no coletivo, mas cada um tem a potencialidade de desenvolver-se de determinada maneira, ou seja, individualmente.

Jung (2000) indica que algumas dessas forças foram desenvolvidas suficientemente a ponto de serem conceitualizadas. Dentre os arquétipos mencionados pelo psiquiatra suíço,

pode-se indicar a “Grande Mãe” - que representa o materno, a nutrição e o reconforto. Ela tem poder para procriar ou mesmo destruir e negligenciar a cria, e a Criança, que é considerada como renovação, inocência. Há outros arquétipos que se podem indicar, de acordo com Mark e Pearson (2003) como, por exemplo, o “Herói” – que simboliza a defesa e a conquista, o Velho sábio – que representa o conhecimento e a sabedoria e o “Fora da lei” – que é um tipo sedutor e que age contra as normas estabelecidas pela sociedade.

Para a criação de personagens, os autores das mais diferentes obras literárias podem utilizar características de variados arquétipos do inconsciente coletivo. Há sempre um arquétipo que se sobressai em determinado personagem, que pode variar também de acordo com o momento em que ele vive na história, e pode haver também a combinação de vários deles.

3.1 O arquétipo da grande mãe na construção de ana terra

Observa-se que no início do enredo Ana Terra é descrita pelo narrador com uma beleza que chama a atenção, além de ser cheia de desejos - principalmente em viver em outro lugar, já que morava isolada com sua família em uma estância nos pampas gaúchos.

Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter uma esperança de sair daquele cafundó, ir morar em Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera. (VERÍSSIMO, 1957, p. 102).

No desenrolar da trama, Ana Terra conhece Pedro Missioneiro, que passa a viver na estância da família de Ana Terra trabalhando para eles, e se apaixona pelo forasteiro. Os dois têm uma relação sem o consentimento do pai de Ana, que acaba por engravidar de Pedro.

Ana personifica então o arquétipo da “Grande Mãe”, pois por ela inicia-se a linhagem dos Terras em solo gaúcho. Posteriormente com a ligação de Bibiana (neta de Ana Terra) por meio do casamento com Rodrigo Cambará, os Terra passariam a ser Terra Cambará.

Como Pedro vem a ser morto pelo pai e irmãos de Ana, por conta do ideal defendido pelo pai de que a honra deve estar acima de qualquer coisa, ela passa a ser a matriarca que provê sozinha nutrição, segurança e conforto aos seus descendentes (filho e depois netos). Por incorporar esse arquétipo, o da “Grande Mãe”, ela desenvolve um instinto protetor e enfrenta diversas situações para proteger os seus familiares.

Ana Terra também incorpora a imagem de uma mulher independente e forte. Características que adquiriu depois de vários acontecimentos que envolvem o sofrimento de seu personagem, conforme corrobora Marobin (1997, p. 107): “Ana Terra, além das

características fortes dos pampas, é imagem arquetípica tirada das infinitas formas possíveis, abstratas, pela intuição criadora de Érico Veríssimo”. Ela é forte, lutadora e com um instinto maternal bastante acentuado, o que permite que possamos aproximá-la do arquétipo da “Grande Mãe” e entendê-la como uma projeção arquetípica dessa imagem.

Os arquétipos não são rígidos, uma vez que mesmo fazendo parte do inconsciente coletivo, também são desenvolvidos individualmente, como foi dito anteriormente. Diante disso, pode-se dizer que as imagens arquetípicas incorporadas por Ana Terra se misturam aos aspectos regionais e universais. Mesclam-se aos aspectos regionais no que tangem aos pampas - como pano de fundo, a linguagem típica e costumes congregados pela personagem. Já os aspectos universais que confirmam e conformam a construção de Ana Terra são o desejo por liberdade, a conquista da independência e o arquétipo da Grande Mãe, no que tange à procriação e à proteção relacionada aos laços familiares.

3.2 O arquétipo do herói na construção de rodrigo cambará

Um dos mais autênticos personagens da trama é o capitão Rodrigo Cambará que possui características marcantes que definem a personalidade da linhagem dos Cambará. Para construir esse personagem, percebe-se a utilização da imagem arquetípica do Herói, em *Um certo capitão Rodrigo*, pois esse personagem é descrito como o típico gaúcho. Suas características abrangem a personalidade do homem rio-grandense destacando a valentia, a honestidade e a liberdade., conforme se pode depreender da seguinte passagem extraída do romance:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Cambará entrara na vila de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. (VERÍSSIMO, 2004, p. 209).

Este personagem causa certa estranheza aos olhos dos moradores da pequena vila de Santa Fé, que é demasiadamente pacata. Essa estranheza pode ser justificada pelo arquétipo do Herói, que é uma figura valente, destemida, luta pelo que é certo e é honrado. Todavia Rodrigo carrega uma pitada pitoresca (exótica) em sua personalidade. Mesmo após entrar em Santa Fé com um ar prepotente sobre o povoado, ainda assim essa estranheza logo se finda, porque seu jeito sedutor acaba por conquistar o povoado. “O Capitão Rodrigo com a postura de um monarca das coxilhas, [é] como um grande personagem no vasto palco que abrangia todos os espaços da pequena cidade dos pampas” (MAROBIN, 1997, p. 97).

Dessa forma, o que chama a atenção em relação a este personagem é seu comportamento que, por se tratar de um protagonista e herói, não é polido, mas é cativante,

sedutor, consegue agradar as pessoas ao seu redor. Rodrigo tem atitudes anti-heroicas como quando lança seu olhar e inflama certa raiva em algum morador do povoado ou quando trai Bibiana com várias mulheres. Mesmo agindo desse modo, ele é admirado por destacar a sua masculinidade, uma característica bastante respeitável para um gaúcho da época e, até mesmo na atualidade, tal atitude ainda é bastante valorizada.

O gaúcho é representado pelo Capitão não só nas características físicas, quando o narrador descreve minuciosamente a roupa do personagem, mas também nas psicológicas, como se pode notar pela forma como Rodrigo se apresenta ao chegar em Santa Fé. A sua vestimenta é o primeiro fator a despertar a atenção do pessoal do povoado.

Diante disso, é plausível ver a construção desse personagem como um arquétipo predominantemente heroico, todavia essa construção tem a influência, assim como Ana Terra, dos aspectos regionais e universais, como foi assinalado anteriormente.

É importante ressaltar que, nos romances nos quais Ana Terra e Rodrigo Cambará são protagonistas, sobressaem-se os aspectos regionais como o jeito típico do homem gaúcho, os lugares por onde o personagem passa, pampas e coxilhas, e o linguajar desalinado, carregado de expressões populares e que, além disso, sofreu muita influência do castelhano por conta das inúmeras viagens feitas para enfrentar as batalhas e lutar nas revoluções. Um exemplo disso é quando ele chega na cidade de Santa Fé e vai à venda no centro da pequena cidade “ – *Buenas e me espalho!* Nos pequenos dou de prancha e nos grandes do de talho!” (VERÍSSIMO, 1957, p. 102). No seu discurso fica evidente o amálgama de línguas (português/espanhol) e a prosa “cantada”, rimada do gaúcho.

Já os aspectos universais para a construção do Capitão Rodrigo Cambará seriam a manifestação do arquétipo do Herói em junção com a sua personalidade do personagem carregada de singularidade e de comportamento pitoresco. Ele é aquele que assume os postos mais altos de comando durante as batalhas, atua com destemor e valentia, é o macho sedutor e aquele que enfrenta todos os obstáculos, sagrando-se vitorioso sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, foram apontadas algumas particularidades a respeito da problemática do Regionalismo no Brasil, que teve início no Romantismo e se desenvolveu com plenitude durante o Modernismo, na fase da segunda geração, e foi nesse período que Veríssimo concebeu os romances em estudo. Nota-se, assim, um regionalismo que acaba atingindo o universal pelo tratamento dado por autores como Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz à matéria regional (os pampas gaúchos, o sertão, as secas, a fome), que se convertem em dilemas próprios do homem em qualquer parte do mundo, diante de situações de dor, sofrimento, fome, amor, traição, morte etc.

No tocante ao Universalismo, centramo-nos em algumas temáticas das obras Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo como, por exemplo, as lutas enfrentadas pelos personagens tanto em seus dilemas pessoais quanto as lutas por causas que envolviam o aspecto social.

Na construção dos personagens Ana Terra e Rodrigo Cambará foi possível detectar imagens arquetípicas do Herói e da Grande Mãe respectivamente. Observa-se que esse processo de construção abarca não só a existência dos arquétipos, mas também é fundamental levar em conta o âmbito Regionalista e Universalista da obra, com o qual as imagens mencionadas se fundem.

Portanto, a temática regionalista que abarca o universo no qual os personagens vivenciam seus dramas e conflitos, consegue atingir um *status* universal ao revelar que os problemas e situações conflituosas verificados no universo da ficção são os mesmos que afetam outros indivíduos globalmente e não se restringem somente à realidade dos pampas gaúchos. Dessa maneira, Veríssimo, assim como outros escritores do período Modernista, logrou realizar obras nas quais o regional consegue superar os seus limites e atingir a universalidade, por meio de personagens que são construídas com base em arquétipos que põem em evidência dramas e situações que extrapolam o corriqueiro e o particular para redimensionar o ser humano e as suas idiossincrasias numa esfera mais ampla e universalizante.

Referências

GONZAGA, Sergius. **Literatura Brasileira**. 17. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Modernismo no Rio Grande do Sul**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

MARK, Margaret e PERSON, Carol. **O Herói e o Fora-da-Lei: como construir marcas extraordinária usando o poder dos arquétipos**. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. São Leopoldo: Unisinos, 1985.

MAROBIN, Luiz. **Imagens arquetípicas em O continente, de Érico Veríssimo**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

VERÍSSIMO, Erico. **O tempo e o Vento – O Continente**. vol. 1. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Para citar este artigo

ORTIGOZA, Larissa Ferreira Rachel. O REGIONAL, O UNIVERSAL E A UTILIZAÇÃO DE ARQUÉTIPOS NA CONSTRUÇÃO DE ANA TERRA E DO CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 159-172.

A Autora

Larissa Ferreira Rachel Ortigoza é Graduada em Letras: Português e Inglês pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.